

Elementos para convergência de perspectivas teóricas e práticas na formação religiosa-presbiteral

Elements for the convergence of theoretical and practical perspectives in religious-priestly formation

Alzirinha Rocha de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Júnior Vasconcelos do Amaral
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Resumo

A formação para a vida ministerial sempre foi e será um desafio para a Igreja, em todos os tempos e espaços. É um lugar comum de realizações e esforços que vão sendo vividos por formadores e formandos. O processo de formar traz consigo resultados satisfatórios, quando cada um se deixa formar e procura sua própria identidade e responsabilidade no processo formativo, com corresponsabilidade. O objetivo desse artigo é perceber que a dessacerdotalização do ministro ordenado e a razão de ser do serviço-diaconia podem servir de elementos primários para pensar o caminho formativo nos Seminários e casas de formação, provocando a reflexão para a identidade do ministro cada vez mais humano para ajudar a enfrentar os desafios da humanidade, no anúncio esperança do Reino de Deus. Metodologicamente, objetiva-se apresentar, através de uma pesquisa de campo com entrevistados, as lacunas do processo formação presbiteral, identificados pelos próprios seminaristas e formandos, que são, afinal, seus principais atores. Conclui-se que pensar a missão formativa da Igreja é delinear caminhos que conduzam ao sentido de ser da mesma, toda ministerial e servidora, para evitar incorrer no reducionismo da formatação, que minimiza o sentido primeiro da corresponsabilidade formativa.

Palavras-chave

Formação.
Ministros ordenados.
Igreja servidora.
Ministerialidade.
Corresponsabilidade.

Abstract

Formation for ministerial life has been a challenge for the Church, throughout history and across diverse contexts. It is a common ground for achievements and efforts experienced by both formators and those being formed. It yields satisfactory results when each person allows themselves to be formed and seeks their own identity and responsibility within the formative process, with joint responsibility. On one hand, the de-clericalization of the ordained minister and the *raison d'être* of service may serve as primary elements for reflecting on the formative path in seminaries and formation houses, as well as provoking reflection on the increasingly human identity of the minister, in order to better face the challenges of humanity in the hopeful proclamation of the Kingdom of God. On the other hand, we aim to present, through field research, the gaps in the priestly formation process as identified by seminarians, who are, after all, its main stakeholders. Reflecting on the formative mission is to outline pathways that lead to the true meaning of the Church as ministerial and service-oriented, to avoid falling into the reductionism of a rigid model that diminishes the primary meaning of joint responsibility in formation.

Keywords

Formation.
Ordained ministers.
Service-oriented Church.
Ministry
Co-responsibility.

Introdução

O Dicionário Michaelis de língua portuguesa indica dois significados interessantes para nossa reflexão. O primeiro refere-se à palavra “formação” descrita como: “Modo de criar uma pessoa, forjando-se seu caráter, sua personalidade e sua educação; criação, educação. Ato ou efeito de dar forma a algo; “modelagem” (Michaelis, 2001). De outra parte, podemos verificar na mesma tábua de significados a palavra “formatação” descrita como: “adaptação das características, da estrutura ou da aparência de um conjunto de dados a determinado padrão” e “alteração de dados recebidos ou enviados, visando adaptá-los a formato aceito normalmente pela máquina” (Michaelis, 2001). Mesmo se ambas as palavras vêm da raiz latina de *formatio*, na língua portuguesa fica claro que a primeira se destina às pessoas e a segunda, às máquinas, portanto, às coisas, objetos e máquinas.

Ora, o que se observa em determinados espaços da formação eclesial em diferentes níveis, notadamente os de Religiosos/as e seminaristas diocesanos, nas últimas décadas, é a tendência à substituição de “formação”

por “formatação”. A pergunta que emerge é esta: as pessoas são vistas e entendidas como outros seres, em alteridade, ou como coisas que precisam ser moldadas ao entendimento de seu formatador?

Na história recente da Igreja, notadamente após o Concílio Vaticano II, o tema da formação religiosa, é urgente e desafiador. A virada eclesiológica proposta pelo Concílio, que traz consigo a ressignificação de história e o reconhecimento dos sinais dos tempos, exige imediatamente que o processo formativo seja readequado ao tempo presente, havendo também um *aggiornamento* formativo.

A realidade impulsionou a Igreja a pensar-se de forma mais profunda e atualizar-se para não perder o avanço da história. E, ainda que não se soubesse bem, no primeiro momento, como conduzir a constituição das mudanças propostas pelos documentos conciliares, a tarefa foi posta. Interessante perceber que nas categorias dos documentos conciliares, entre Constituições, Declarações e Decretos, a questão da formação encontra-se na última categoria. É simbólico e sintomático perceber que a urgência do tema, que se vincula diretamente à Constituição SC, é posta como Decreto, que, como tal, é para ser cumprido, mas não refletido ou construído ao longo do tempo, com os esforços de todos os agentes e personagens, pastores, fiéis, formadores e formandos.

No entanto, passados 60 anos da conclusão do Concílio, a formação permanece em elaboração, sendo inclusive um dos temas novamente urgentes levantado na Escuta das comunidades, realizada em função do Sínodo para a Sinodalidade e na Sessão final do Sínodo, realizada em outubro de 2024, e, assim, encaminhada à Comissão de aprofundamento do mesmo.

Ora, a reforma da formação dos Seminários e casas de formação, continua sendo urgente, porque impacta diretamente na Pastoralidade da Igreja, quer dizer, na forma como as Igrejas locais se colocam e desenvolvem o trabalho pastoral junto ao Povo de Deus que lhe foi confiado. Nesse sentido, a pergunta de fundo que permeia a necessidade da reforma é: que tipo de Igrejas locais, em consequência, que rosto da Igreja em contexto brasileiro, podemos formar em conjunto? Até que ponto as Igrejas locais impactam e se

deixam impactar pelos distintos contextos culturais, pelas formas de viver, de relacionar-se e apreender o religioso?

A formação pode impactar, positivamente, na constituição de uma pastoralidade que se alinhe com a Igreja local em escopo amplo; na adesão à pessoa de Jesus Cristo e no esforço de busca de conhecimento constante e mais profundo de sua pessoa e sua mensagem, o Evangelho; no testemunho evangelizador, quer dizer, desde a fala ao estilo de vida, à *martyria*, isto é o testemunho (Theobald, 2007), e finalmente construir a pastoralidade como diocesaneidade, através do conjunto de um projeto de pastoral das dioceses e de um programa de vida no exercício o ministério presbiteral e religioso.

Na perspectiva de Theobald (2007), a fé cristã pode ser entendida como um modo de habitar no mundo, em sua pluralidade e multirreferencialidade. Neste mundo cristão, Cristo é o principal agente que fecunda as relações de seus seguidores, discípulos-missionários, portanto, a formação de discípulos, futuros presbíteros e religiosos é fecundada por Cristo, o pastor enviado pelo Pai ao mundo.

Recuperar o “estilo de Jesus” é atualmente o grande desafio do processo formativo. Ora, tomando as considerações acima, neste artigo trataremos da urgência da reforma da formação e dos temas consequentes que são afetados por ela. Trata-se de uma ressonância da emergência e urgência de melhoramento da formação, chamando os agentes e personagens à configuração a Jesus Cristo, seu Evangelho, estilo de vida, opções preferenciais e o abraço à cruz (cf. Mt 16,21-27; Lc 9,23).

Em última instância, queremos propor a reflexão, demonstrando, através de dados teóricos e concretos, a urgência de encontrar caminhos de conversão entre o desejado pela teoria teológica e a práxis formativa no conjunto eclesial. Para desenvolver nossa reflexão, estruturamo-la em três momentos: 1) a recuperação da categoria de “ministério que se origina do batismo, portanto, “Serviço”, e a “dessacerdotalização” dos formandos à luz da Sagrada Escritura (formatação está para a sacerdotalização e a formação está para o serviço); 2) análise da realidade da formação a partir do olhar dos formandos mediante a apresentação dos resultados da pesquisa de campo que

permite identificar os pontos que devem ser revistos no processo formativo e 3) elementos essenciais da compreensão da formação presbiteral na contemporaneidade.

Da dessacerdotalização do ministério ao serviço

A fonte de todo o serviço na Igreja é o Batismo, pois é sacramento que constitui a todos como filhos e filhas de Deus, povo sacerdotal, profetas e pastores, por isso servidores. O Sacramento da Ordem tem sua razão e derivação batismal como serviço enxertado na dignidade originada pelo primeiro sacramento da Igreja, que surge no lado aberto de Cristo (cf. Jo 19,34).

Segundo Francisco Taborda (2011), todo ministro ordenado existe para a Igreja e em função da Igreja. Há, desse modo, o sentido estrito de serviço que especifica essa relação. O ministério ordenado não é uma entidade acéfala, mas relacional, pertencendo ao *sensus Ecclesiae*¹. Para melhor compreender a teologia da Ordem, no sentido de sua relação derivada das Escrituras, da *Lex orandi* e *Lex credendi*, Taborda entende o sentido real do ministério ordenado como serviço ao povo de Deus, na busca da configuração com Cristo, no signo de que seu sacerdócio, como afirmado na Epístola aos Hebreus, não ritual, funcional ou hierárquico, como nos moldes do sacerdócio do AT, mas existencial e vivencial. Cristo fez-se sacerdote ao salvar a todos em sua morte de cruz. Ele é oferta preciosa e perfeita para Deus no altar da cruz, fazendo-se ao mesmo tempo sacerdote, altar e cordeiro, ou seja, oferta sacrificial.

Na *Lumen Gentium*, 10, afirma-se que o ministro ordenado - o Concílio Vaticano II utiliza o termo ‘sacerdote ministerial’:

[...] pelo seu poder sagrado, forma e conduz o povo sacerdotal, realiza o sacrifício eucarístico fazendo as vezes de Cristo e oferece-o a Deus em nome de todo o povo; os fiéis, por sua parte, concorrem para a oblação da Eucaristia em virtude do seu sacerdócio real.

¹ Sentido de ser eclesial. Proveniente do *sentir com a Igreja*, na perspectiva da *Koinonia*, ou comunhão.

No Decreto *Presbyterorum Ordinis*, 2, em seu ministério sacerdotal, o presbítero está unido à Ordem Episcopal:

participa da autoridade com que o próprio Cristo edifica, santifica e governa o seu corpo. Por isso, o sacerdócio dos presbíteros, supondo, é certo, os sacramentos da iniciação cristã, é, todavia, conferido mediante um sacramento especial, em virtude do qual os presbíteros ficam assinalados com um carácter particular e, dessa maneira, configurados a Cristo sacerdote, de tal modo que possam agir em nome de Cristo cabeça.

Para a teologia do Concílio Vaticano II, o sacerdócio comum dos fiéis e o sacerdócio ministerial ou hierárquico, aquele do serviço, embora se diferenciem essencialmente não apenas pelo grau, estão ordenados mutuamente, ambos participam, cada qual a seu modo, do único sacerdócio de Cristo. Tanto um quanto outro são Cristo-derivados. O ministro ordenado, o presbítero, não se torna um sacerdote de *per se*, mas participa do sacerdócio de Cristo, pelo Sacramento da Ordem. A Ordem é serviço à Igreja, ao povo de Deus, dado conferido pela Igreja a um servidor.

O sacerdócio ministerial coloca-se na dimensão do sacerdócio de Jesus Cristo, numa vida de entrega ao Pai e aos irmãos e irmãs, não como um rito que se tenha realizado, como no AT o sacerdote realizava o culto de expiação por seus pecados e pelos pecados da comunidade, celebrando o *Yom Kippur*.

Para Taborda (2024, p.772),

Cristo não oferece algo (uma vítima) ao Pai; oferece-se a si mesmo em sua vida que tem como resultado sua rejeição por parte da humanidade cega aos pensamentos de Deus. Por ser um ato histórico (não ritual), o sacrifício de Cristo é repetível, acontece de uma vez para sempre.

Hebreus fala da irrepetibilidade e plenitude do que realizou Jesus Cristo em sua vida terrena ao entregar sua vida na cruz. Para Aíla Pinheiro Andrade (2011, p. 26),

[...] os fiéis, participantes do sumo sacerdócio de Cristo, não podem, portanto, oferecer a Deus um culto semelhante àquele realizado no templo de Jerusalém e pelo sacerdócio levita. O único culto a ser realizado pelo sacerdócio dos fiéis é o mesmo efetivado pelo sumo sacerdote eterno: oferta de si mesmo a Deus na única e definitiva oferta de Cristo.

Para Albert Vanhoye (1996), “aperfeiçoar” e “plenificar”, bem como os substantivos derivados da mesma raiz estão ligados à linguagem sacerdotal, tão pouco o termo “sacerdócio” de nenhuma forma está se referindo a uma classe ou ao clero. Desse modo, na compreensão de peritos em NT, o sacerdócio de Cristo não é para uma ordem, *ordo*, mas para um serviço existencial no qual aquele que tem Jesus Cristo como seu modelo e guia, busca doar-se a si mesmo como alimento ao outro, fazendo-se ponte entre Deus a todos os que necessitam de alívio, paz, perdão, saúde espiritual, palavras de conforto, oração e intercessão.

Portanto, o ministro ordenado na Igreja não é um novo sacerdote à luz do AT, mas um fiel cristão que é destinado à missão de servo, revestido de Cristo servidor, pois recebeu o Batismo, que o tornou filho no Filho de Deus, herdeiro da vida divina, e se faz servidor para o mundo, sobretudo para os que sofrem. Desse modo, o ministério ordenado na Igreja configura-se à luz do servo de Deus, Jesus Cristo, que “veio não para ser servido, mas para servir e dar sua vida em resgate de muitos” (cf. Mc 10,45).

Desse modo, *dessacerdotalizar* o ministro e o ministério presbiteral, tornando-o cada vez mais serviço, é indispensável para pensar a humanidade daqueles que servem, mais que seus “poderes” divinais, como se o que o presbítero realiza o tornasse divino. O presbítero, quanto mais humano e gentil, mais aproxima as pessoas de Deus, não de si mesmo como um semideus, mas daquele que o chamou à vocação para o serviço. O ministro ordenado, presbítero, bispo ou diácono, é chamado à humildade de Cristo que se revestiu com as vestes de servo e lavou os pés de seus discípulos (cf. Jo 13,1-17).

Taborda (2024, p. 773), diante da perspectiva da dessacertolização do ministério ordenado, lança importantes acenos:

O que frequentemente se denomina de “sacerdócio hierárquico” é, na realidade, a *função de presidir a comunidade eclesial*. Por isso, o Concílio de Calcedônia proíbe “ordenações absolutas”, isto é, que não seja em vista de uma comunidade concreta a ser dirigida por aquele que, para isso, é ordenado, porque a função primordial do presbítero é presidir a comunidade e, em decorrência, presidir a eucaristia da comunidade que, reunida em assembleia, como povo sacerdotal, celebra o memorial da Páscoa do Senhor. O desafio neste

ponto é voltar à concepção original do ministério ordenado. Para tanto, cumpre enfocar a formação dos futuros presbíteros na capacitação para a *presidência da comunidade*. Celebrar missas é mera decorrência daquela tarefa. Nesse contexto conviria perguntar sobre o uso da categoria “sacerdote” para o presbítero e o bispo. Eles não presidem a eucaristia por serem sacerdotes no sentido das religiões da humanidade, mas, por presidirem a eucaristia, sacramento do sacrifício de Cristo, podem ser e foram designados sacerdotes.

Como caminho para iluminar o ponto seguinte, sobre a figura do formando no processo de formação, Taborda ainda salienta a perspectiva de “gentificar” o ministro e o futuro ministro da Igreja, pois falamos aqui de futuros ministros que hoje estão nas casas de formação e seminários. Taborda cria o neologismo “gentificação”, como ação mesma de o futuro ministro tornar-se “gente”, humano, profundo em sua humanidade, perito em humanidade. Taborda afirma (2024, p. 786):

Como poderíamos não ser gente? E, no entanto, encontramos pessoas que não manifestam em suas palavras e ações sua humanidade. Propagando o ódio, divulgando notícias falsas (*fake news*), pregando a violência contra os que não pensam como eles, estabelece o princípio da força como instrumento de dominação, são, na realidade, bichos, animais selvagens: *Homo homini lupus*, “O homem é lobo para o homem”, como diria o poeta latino Plauto. Ou são ainda piores do que os animais, pois estes têm instinto e o seguem, agindo na medida que o instinto determina, enquanto os seres humanos desumanizados não são contidos nem sequer pelo instinto. Por que é assim? Porque ser gente é uma das coisas mais desafiadoras da existência humana. Ser gente é participar do processo civilizatório que começou com o homem das cavernas e continua a desenvolver-se até hoje e se desenvolverá no futuro. É um exercício constante e sempre desafiador, pois é aproximar-se do outro na liberdade, na gratuidade, sem preconceitos e sem almejar recompensa. Em suma: é abrir-se para o amor sem pré-condições.

Dessa maneira, a formação presbiteral e religiosa hoje deve lidar com os inúmeros desafios que emergem, sobremaneira considerando os candidatos à ministerialidade da Igreja em seus processos de ministerialidade e “gentificação”, ou seja, tornar-se humano para assumir um ministério de serviço a outras pessoas que sonham, esperam e confiam.

Na opinião de Douglas Alves Fontes (2019, p.24),

É extremamente claro que a nova *Ratio* dá maior atenção à dimensão humana. Se já tivemos a época de formar o “padre santo”,

o “padre intelectual” e o “padre da pastoral”, podemos dizer que estamos num tempo em que é urgente formar o “padre homem” ou humano. Só assim teremos a base sólida para construir e manter o edifício da formação sacerdotal. Sem dúvida, o tempo em que vivemos pede o padre perito em humanidade.

Vemos, portanto, a necessidade de uma formação que seja capaz de tornar o futuro ministro ordenado um ser humano integral, afetivo, intelectual, generoso e espiritual, capaz de acolher com alegria e entusiasmo as demandas da realidade à sua volta em suas diversas referencialidades, tratando-as com responsabilidade e propondo caminhos e direções assertivas e coerentes, na lucidez do Espírito de Deus.

A formação vista a partir dos formandos: a verificação da realidade

Detectamos que na maioria das vezes em que se aborda o tema da formação para o presbiterado na Igreja ouve-se mais os reitores e formadores e raramente dá-se atenção à perspectiva dos formandos. Considerando que a formação por princípio deveria se dar em uma dinâmica mútua, de corresponsabilidade formativa, e constatando essa unilateralidade e a fim de dar voz aos formandos, realizamos a pesquisa, no período de 1º a 31/10/2024, junto a 31 formandos em fase de conclusão do curso acadêmico de Teologia, isto é, aqueles que no próximo ano (2025) estarão fora dos seminários e casas de formação, e serão direcionados para os trabalhos pastorais em paróquias e segmentos eclesiais. Ao todo foram entrevistadas 31 pessoas² - anonimamente referenciadas como: SD = Seminarista diocesano (de diferentes dioceses) e SR = Seminarista religioso (de diferentes Congregações religiosas). Os relatos oferecidos pelos entrevistados buscavam responder, à luz de sua experiência pessoal de seu processo de formação, quais os elementos positivos e negativos poderiam ser destacados, a partir da estrutura oferecida pelas instituições de

² Para cada relato, assinamos um documento com autorização de análise com restrição de revelação expressa de dados pessoais, seja diocese, seja congregação pertencente. Logo, os resultados aqui apresentados se centrarão no interesse principal da pesquisa, baseado na pergunta sobre a percepção de cada formando sobre elementos positivos e negativos de seu processo formativo, a partir da estrutura oferecida pelas instituições de pertença. Portanto, aqui não se divulgam nomes nem de pessoas, nem de instituições.

pertença. De outra forma, lhes solicitamos um olhar crítico sobre o processo formativo.

A metodologia de Récit de vie

Para tanto, utilizamos o método *Récit de vie*, que consiste em buscar os dados através de perguntas, a partir do narrado pelo entrevistado. O pressuposto de tal metodologia de pesquisa é permitir associar o levantamento de dados desde a Sociologia, quer dizer, o ambiente onde se pesquisa. Nesse sentido, uma “etnossociologia” (Bertaux, 2016, p. 17). Analisamos e relacionamos o interesse específico dos elementos teológicos acerca da formação, associados ao contexto social dos entrevistados.

À luz da Sociologia, o narrar das realidades vividas na formação, transforma-se em uma pesquisa de campo particular. Ao contrário da Etnologia, a perspectiva sociológica não se contém na descrição do terreno local ou analisar a cultura e os modelos de vida. Antes, - interessa-se em observar, a partir de cada realidade, as formas sociais, tais como configurações de relações socioestruturais, lógicas de situações, mecanismos geradores, lógicas de ação, tensões de dinâmicas internas, que serão suscetíveis de estar presentes em uma multiplicidade de contextos similares (Bertaux, 2016, p. 19). Enfim, esse método nos permite conseguir relatos de vida que trazem consigo dados consideráveis da realidade onde os pés alcançam.

Outro elemento importante da metodologia de pesquisa de campo em questão é considerar de forma narrativa a própria vida. Há um *récit de vie* (narração da própria vida) desde quando um sujeito “reconta” a outro uma experiência de vida. Na língua francesa, com o verbo “*raconter*”, não se trata somente de redizer algo; antes, trata-se de narrar algo vivido, experienciado de forma pessoal. Em seu sentido mais profundo, dizer que a produção discursiva do sujeito tomou a forma narrativa é dizer de uma *experiência vivida* pelo narrador e não sendo exterior a ele, assumindo-se em profundidade. Sem desconsiderar as formas descritivas, explicativas e argumentativas, um *récit* será sempre por excelência, uma narrativa. Contará

com descrições de interações sociais, razões para ação, relações recíprocas, portanto, abrindo um campo fértil para a corresponsabilidade formativa.

Em nossa pesquisa de campo, a condição básica que permitiu a utilização desta metodologia era a vivência, pelo narrador, do tema a ser compreendido - pois os fatos narrados nos levam a hermenêuticas sobre ele. A comparação com outros relatos (escutas realizadas) permitiu separar o que revela o ilusório de algum narrador específico e cruzar os dados que se repetiram, nos quais eram expressos os elementos concretos que constituíram o nó comum de entendimento do processo analisado. Há, nesse sentido, o que é próximo do fictício e na comparação dos relatos o que é comum, vivido, nas alegrias e angústias, pela maioria (Bertaux, 2016, p. 40).

Construção da amostra

Para além do anteriormente descrito, o referencial principal considerado na construção da amostra foi realização de entrevistas com aqueles que estavam em processo de conclusão do Curso de Teologia. Isso significa que, no ano seguinte, não estariam mais na casa de formação ou seminários e, o mais importante, que, por terem cumprido toda a formação, teriam condições de responder à questão central da pesquisa.

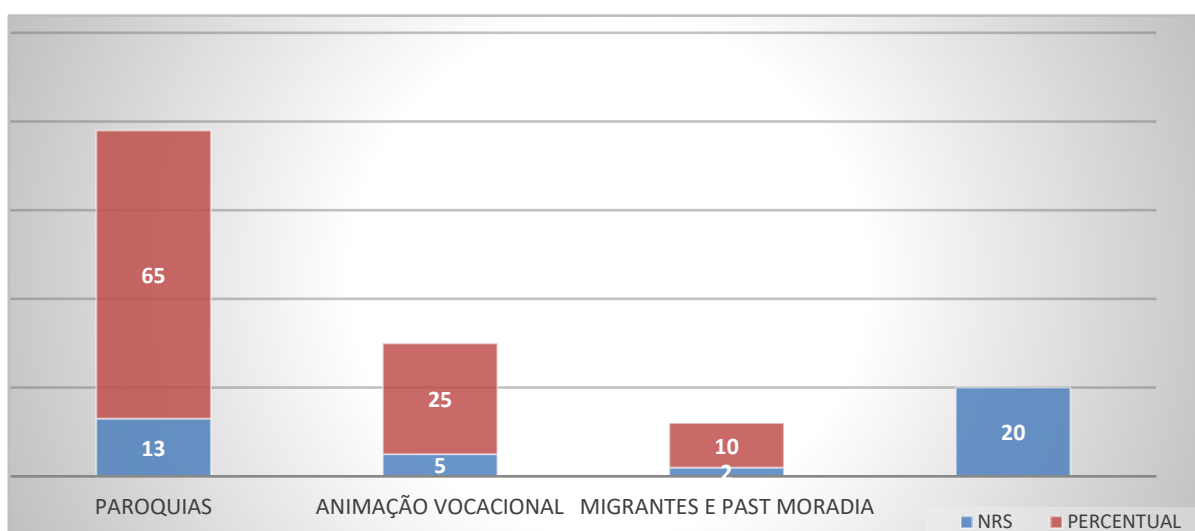
A pergunta central foi: a formação que está sendo finalizada, de fato, os preparou para os diversos serviços que serão iminentemente assumidos na Igreja? Avalia quais são os aspectos positivos e negativos desse processo e como se sentem diante do próximo passo a ser dado? Os resultados que apresentaremos aqui são baseados, conforme a metodologia adotada, nos itens que se repetiram, de maneira direta e indireta, em todas as narrativas.

Quanto aos aspectos positivos foram citados: 1) a possibilidade de estudar (frequentar a Faculdade de Filosofia e Teologia); cursos paralelos (oratória, comunicação, especializações vinculadas notadamente à Teologia); 2) qualidade de ambiente de moradia (casa, alimentação, cuidado com a saúde, mesmo no sistema público SUS); 3) relação com as equipes de formação Diocesana e da Congregação, contando com conflitos passíveis de

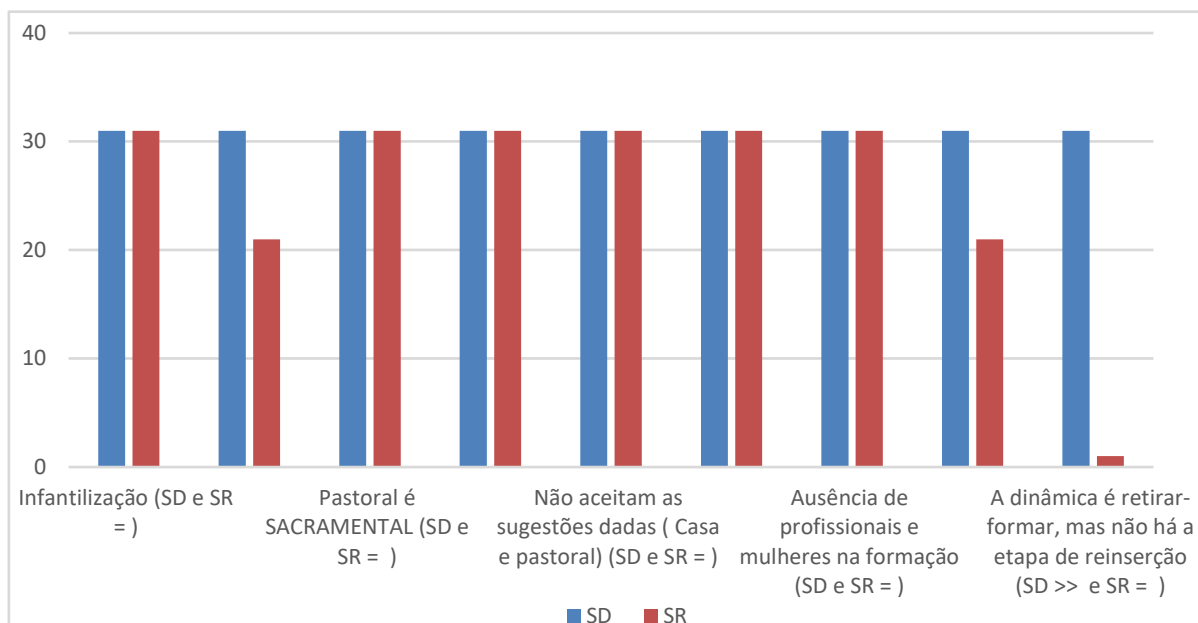
resolução, e 4) relações positivas com os leigos/as das comunidades, quando do desenvolvimento do trabalho pastoral.

Nesse sentido, daremos destaque aos aspectos por eles considerados negativos, para cumprir o objetivo do texto que é refletir sobre temas/posturas que podem ser retrabalhados para que se convertam em elementos de constituição de formação de identidade e para o que virão a exercer futuramente.

Questão 1: Espaço de atuação pastoral/missionária (Gráfico I)



Como se lê no gráfico, 76% dos entrevistados encontram-se aos finais de semana em trabalhos pastorais vinculados aos serviços paroquiais - formação e sacramento. Em alguns relatos, esse trabalho foi traduzido como “auxiliares de luxo dos padres”, sem ter voz, sem terem suas opiniões consideradas, e sem ter a possibilidade de conhecer o povo de Deus em suas realidades familiares e cotidianas, uma vez que a dinâmica pastoral é inversa à de uma Igreja em saída. Foi expresso o desejo de realizar pastoral em chave missionária, portanto, em outros espaços que não a paróquia. Outro elemento interessante de perceber é que os que aparecem em trabalhos específicos: 5, em Animação vocacional e 2 atuando na pastoral dos migrantes e da moradia, são SR.

Questão 2: Temas recorrentes na formação (aspectos negativos) (Gráfico II)

Questão 3: (SR=SD) Processo formativo infantilizado expressa o descompasso entre o tratamento e as idades que possuem, a falta de confiança do reitor-formador em relação ao formando que desenvolve mecanismos de controle: horários, entradas e saídas, excesso de atividades (trabalhos na casa), ausência de transparências na utilização dos recursos financeiros. A vida formativa resume-se a não fazer ou realizar nada que esteja fora do determinado pelo reitor-formador.

Ameaça de expulsão do processo formativo, em caso de não cumprimento do determinado. Os documentos da Igreja propõem uma equipe de formação, distinta da realidade, que se apresenta como centralizadora e não permite críticas e mudanças.

Questão 4: (SR < SD>) Falta de espaço na organização pessoal e comunitária evidencia a ausência de momentos de privacidade e autonomia do formando para realizar tarefas mínimas (como os estudos, por exemplo). Há uma interrupção aleatória da programação, à medida do desejo e eventual necessidade do reitor-formador. É decorrente e está intimamente ligada à primeira questão. Observe-se, ainda, que, para os SR, esta questão é mais bem gerida.

Questão 5: (SR=SD) Pastoral é sacramental e não missionária e nem realizada em chave missionária. Tal como expressado de forma detalhada e comentada no Gráfico 1.

Questão 6: (SR=SD) Falta de diálogo com o reitor-formador e comunitária. Foram citadas: a) conversa individual agendada no início de cada semestre, sendo as demais todas em grupo e para temas coletivos relacionados à organização da casa, aos trabalhos; b) conversa mensal coletiva, que impossibilita resolver e expor os conflitos, mesmo que pequenos; c) eventualmente são surpreendidos com questões que poderiam ser resolvidas em diálogos imediatos; d) alguns assinalaram que as conversas não são baseadas na confiança, mas em ambiente de medo, de intimidação e de serem desligados do seminário ou casa formativa. Os formandos sentem necessidade de orientação privada, mais próxima, para discutir livremente questões pessoais. Dada a ausência de diálogo comum, a comunidade transforma-se em gueto de interesses de todos os tipos, por cima das afinidades naturais que possam ter entre si. Na vida comunitária, aprende-se a não discutir abertamente as questões (“colocar embaixo do tapete”). Acrescenta-se a isso a dificuldade intergeracional entre reitor-formador e os formandos expressa nas diferenças de linguagem, de formas de pensar e de perceber as questões hodiernas.

Questão 7: (SD=SR) Não aceitam sugestões dadas pelos formandos (Seminários e casa de formação e pastoral). Sentem-se ignorados e sem espaço de aplicação daquilo que buscam por si mesmos para melhorar os processos. Desanimam de buscar o novo, e se colocam como “empregados”, inclusive dos mais velhos. Elemento desmotivador do processo, não se sentem parte ativa dele.

Questão 8: (SR=SD) Desejam uma liberdade construída. Não para fazerem o que desejam simplesmente. Entendem os limites e as necessidades de organização da casa, dos estudos. Não pensam que isso, por si só, seja negativo. Liberdade construída, quer dizer uma relação de confiança, que gera respeito, privacidade, liberdade de consentimento de realizar, dentro do

possível, ações (vinculadas a: Igreja, laser, visitas às famílias, pessoas, cinema, participação em congressos, cursos e outros).

Questão 9: (SR=SD) Ausência de profissionais independentes e mulheres no processo formativo. Não há possibilidade de escolha pessoal de profissionais, notadamente psicólogos. São sempre os indicados pela congregação ou diocese, o que gera uma desconfiança quanto à privacidade do que é dito na terapia. Ausência de mulheres na formação, notadamente leigas, que, por não estarem vinculadas à “hierarquia”, em tese, seriam mais confiáveis. Não são concorrentes em nenhum aspecto.

Questão 10: (SR < SD >) Não há liberdade e espaço para discutir as questões afetivas e sexuais. Sejam pessoais, sejam para a compreensão das dinâmicas matrimoniais e da juventude, por exemplo. Não se discute sexualidade notadamente na amostra diocesana. No mundo religioso (SR), o percentual é mais positivo. Essa ausência os leva a buscar fontes de informação eventualmente não confiáveis. Essa questão se vincula à presença da mulher na formação, que, segundo a perspectiva de alguns entrevistados, teriam mais facilidade em falar sobre o tema.

Questão 11: (SR < SD>>>) A dinâmica da formação é retirar-formar, mas não há a etapa da reinserção. É gritante a diferença entre SR e SD em relação a essa questão, apesar da convergência em algumas questões. De fato, esta questão aparece no conjunto das falas dos SD: não se sentem preparados para estar sozinhos à frente de uma comunidade paroquial seja para a realização de sacramentos, notadamente o da Reconciliação, seja para orientar pessoas, notadamente casais.

Sentem que não são formados para o primeiro, mas, ainda assim, aprendem “observando”, e se percebem infinitamente menos preparados para as relações humanas. Uma observação interessante, realizada por um foi dizer: “saem do oculto, do escondido e passam ao primeiro plano como se já tivessem a obrigação de estar completo”.

É, justo neste momento, que se dão conta da fragilidade pessoal (em distintos aspectos) e do medo do errar, bem como da solidão. Veem que os que se ordenaram antes não são suportados pelos mais velhos e estão

isolados, às vezes em processos de adoecimentos. Quando perguntados sobre possibilidades de fazer associações para amenizar este processo, alguns citaram unicamente a comunidade como “apoio” para aprendizado. Os colegas de presbitério não são considerados para esse apoio inicial.

Ora, cremos que as questões acima citadas e seus complementos traduzem o sentimento de quem está no processo formativo e não vê possibilidades de colaboração para sua transformação. Sentem-se uma espécie de atores com *script* fechado. Por isso, as referidas questões e seus complementos devem ser urgentemente reconsiderados no processo de formação, uma vez que impedem a constituição identitária do formando.

Contudo, não queríamos deixar de apresentar alguns elementos positivos que surgiram na pesquisa:

- a) Na vida comunitária se aprende a enfrentar conflitos;
- b) Percebe-se um método de formação (etapas);
- c) Valoriza-se a oportunidade dos estudos (de ter “duas faculdades” e alguns cursos, ao final);
- d) Valoriza-se a perspectiva da espiritualidade;
- e) Apenas 01 entrevistado: entende que “ser separado do mundo para se formar padre” é o caminho correto. “Sem isso, não é possível”.

Elementos de reflexão sobre a formação presbiteral

Não há como considerar a consolidação das mudanças em qualquer tempo, sejam elas para avançar ou retroceder, sem o processo de formação integral e participativo, no qual haja corresponsabilidade formativa entre reitores-formadores e formandos. Em escopo mais amplo, é óbvio que a formação de um religioso-presbítero não passa apenas pela formação teológica e filosófica. Além disso, o processo de formação ganha maior importância, se pensarmos que nele podem ser potencializados os fatores de “motivação” ou “desmotivação” que permeiam e nascem na formação.

É necessário perguntar: o que motiva e o que desmotiva um jovem a ser padre hoje? Seguramente, a intelectualidade tem sua importância; no entanto, desde nosso ponto de vista, ela somente cumpre seu papel, se necessariamente associada ao desenvolvimento humano, afetivo, emocional, psíquico, social, e, de preferência, que ajude a constituir uma identidade própria e capaz de assumir os desafios do exercício do presbiterado, na pastoral da paróquia ou em qualquer segmento da Igreja.

A pergunta decorrente que se faz é se a qualidade da formação, em todos os âmbitos, é suficientemente capaz de produzir um resultado eficaz. O conhecimento de teologia e filosofia não pode arcar sozinho com essa responsabilidade, tal como nos recordava o Papa Francisco (2024). Aliás, em tempos atuais de volta da clericalização no sentido mais negativo possível, o que se vê nas universidades é uma parte de alunos refratários³ e desinteressados pelo exercício de ambos os cursos. Poderíamos, então, voltar à pergunta central: em que consiste, em última instância, a formação presbiteral? (Souza, 2021). Ajuda-nos a refletir José Comblin (1981, p. 323):

[...] a formação consiste nisso, que o seminarista vai se identificando, consciente e pessoalmente, com sua vocação, com a missão que lhe veio de Jesus Cristo; que o seminarista vai se identificando com um modelo de sacerdote não ideal, abstrato, teórico, mas concretamente existente na Igreja de hoje. [...] Por conseguinte, o verdadeiro formador ou educador é o próprio seminarista, o que não quer dizer, muito pelo contrário, que ele é quem deve fazer o programa de formação.

Nessa afirmação, destacamos a última parte: “vai se identificando com um modelo de sacerdote não ideal”. De fato, não existem modelos ideais, principalmente em se tratando de formação humana. E isso se dá, não somente porque as ciências implicadas se transformam, mas, sobretudo, porque a história se transforma e o humano que guarda sua unicidade se transforma com ela (Souza, 2021). Por isso, a formação, em definitivo, não se traduz em “formatação”. Parece-nos que os elementos apresentados na pesquisa de campo, ao desconsiderar minimamente os elementos pessoais dos formandos, se convertem em “formatação”, aquela que, como dissemos ao início, é dada às coisas e não às pessoas.

³ Para uma maior compreensão desse fechamento, cf. SOUZA; AMARAL (2025).

Não temos uma receita pronta para remediar a situação, porém, vale ressaltar que a razão da formação é formar discípulos-missionários para o serviço ao Povo de Deus. Tal razão deve ser o Norte para quem se destina ao seminário ou casa de formação. Não se dá por descontada essa razão, uma vez que é ela que dará sentido ao Batismo como primeiro sacramento e o Sacramento da Ordem terá sua garantia plena de tornar o candidato da Igreja, o seminarista e formando religioso, em futuro ministro ordenado, presbítero, como alguém que serve e não é servido, à luz do que ensinou o Senhor e Mestre, Jesus de Nazaré. A dessacerdotalização só será uma realidade quando todos os vocacionados descobrem que a razão de existir de um ministro ordenado está na alegria de servir ao Povo de Deus, coadunando sua vida ao sentido de ser ministerial da Igreja, servidora por natureza e razão.

Considerações finais

Sem pretensão de concluir a reflexão acerca do tema da formação presbiteral na Igreja, a reflexão proposta visa demonstrar a disparidade entre a teoria formativa e as vozes daqueles que se encontram nos seminários e nas casas de formação. Não se forma um presbítero somente pela intelectualidade filosófica e teológica. Acolhem-se nos seminários e casas de formação *pessoas concretas*, com dimensões humanas pessoais, que exigem cada vez mais do processo formativo um olhar amplo e interdisciplinar, assim como um projeto formativo que leve em consideração a corresponsabilidade formativa, na qual o sujeito “formando” se implique no processo, abrindo-se ao novo da formação e saiba também encontrar sentido para suas demandas existenciais, humanas, afetivas, intelectuais e pastorais.

Cabe à Igreja católica lançar um olhar crítico acerca dos principais meios que podem ser oferecidos para que os candidatos à vida ministerial, em seu seio, tenham uma formação integral e efetiva, a fim de que desenvolvam de forma equilibrada a identidade presbiteral que lhes permitirá, de fato, assumir o ministério na perspectiva do serviço, no anúncio do Reino de Deus na história. Assim, poderão tornar-se “pastores segundo o coração de Deus”

(Jr 3,15 e PDV, 1), solícitos na missão de anunciar o Evangelho de Jesus Cristo a todo o Povo de Deus.

Referências

ANDRADE, A.P. O sacerdócio de Cristo e dos cristãos conforme a carta aos hebreus. *Kairós Revista Acadêmica da Prainha*, a. 8, n. 1, p. 17-28, Jan./Jun. 2011.

BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Armand Colin, 2016.

COMBLIN, J. Algumas reflexões sobre a formação sacerdotal hoje. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 41, n. 162, p. 321-346, 1981.

CONCILIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: VIER, R. (org.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 37-117.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: VIER, R. (org.). *Compêndio do Concílio Vaticano II*. Constituições, Decretos, Declarações. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 437-483.

FONTES, D.A. Padre um perito em humanidade. *Revista Vida Pastoral*, a. 60, n. 328, p. 21-28, jul./ago. 2019.

FORMAÇÃO: In: MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos [2001]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 07 jan. 2025.

FORMATAÇÃO: In: MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos [2001]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=forma%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 07 jan. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Conversaciones en Santa Marta*: el Papa Francisco sobre la crisis global, la Iglesia y la esperanza (2024). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xpBf-enOde4>. Acesso em: 07 jan. 2025.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Pastores Dabo Vobis* [PDV] - sobre a formação dos sacerdotes. São Paulo: Paulinas, 1992.

SOUZA, A.; AMARAL, J.V. Perspectivas da formação religiosa e presbiteral. *Vida Pastoral*, a. 66, n. 364, p. 4-13, jul./ago. 2025.

SOUZA, A. Os “padres novos” no Brasil. Históricos e formação identitária. *Revista Pistis & Praxis*, v. 13, n. 3, p. 1207-1224, set./dez. 2021.

TABORDA, F. Desafios atuais ao ministério ordenado na realidade do Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 84, n. 329, p. 762-793, 2024.

THEOBALD, C. *Le Christianisme comme style*. Une manière de faire de la théologie em postmodernité. Paris: Cerf, 2007.

THEOBALD, C. Cristianismo como estilo. *IHU*. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2813-christoph-theobald>. Acesso em: 07 jan. 2025.

VANHOYE, A. La “Teleiósís” du Christ: point capital de la Christologie sacerdotale d’Hébreux, *New Testament Studies*, v. 42, n. 3, p. 321-338, 1996.

Trabalho submetido em 11/03/2026.

Aceito em 20/08/2026.

Alzirinha Rocha de Souza

Leiga, doutora em Teologia pela Université Catholique de Louvain (Bélgica). Mestre em Teologia pela Universidad San Dámaso e Graduada em Teologia pela PUC-SP. Estágio de Pós-doutorado pela UNICAP (Universidade Católica do Pernambuco). Atualmente é professora e pesquisadora no ITESP (Instituto São Paulo de Ensino Superior). Coordenadora do Observatório Eclesial Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4512-8847>. E-mail: alzirinharsouza@gmail.com

Júnior Vasconcelos do Amaral

Doutor em Teologia Bíblica pela FAJE (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia), com estágio de Doutorado sanduíche na Université Catholique de Louvain, Mestre em Teologia Bíblica pela FAJE. Atualmente é professor no IFTDJ (Instituto de Filosofia e Teologia Dom João Resende Costa), na PUC Minas. Pesquisador e autor de livros. Líder de Grupo de Pesquisa Bíblia e Contemporaneidade, ligado ao CNPq. Presbítero na Arquidiocese de Belo Horizonte, onde exerce o trabalho de Vigário Episcopal e pároco. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9490-665X>. E-mail: jvsamaral@yahoo.com.br